



Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E59	Ensino e aprendizagem como unidade dialética [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-481-8 DOI 10.22533/at.ed.818191507 1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina. CDD 371.102
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book intitulado como: “Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética”, apresenta três volumes de publicação da Atena Editora, resultante do trabalho de pesquisa de diversos autores que, “inquietaos” nos seus mais diversos contextos, consideraram em suas pesquisas as circunstâncias que tornaram viável a objetivação e as especificidades das ações educacionais e suas inúmeras interfaces.

Enquanto unidade dialética vale salientar, a busca pela superação do sistema educacional por meio das pesquisas descritas, as quais em sua maioria concebem a importância que toda atividade material humana é resultante da transformação do mundo material e social. Neste sentido, para melhor compreensão optou-se pela divisão dos volumes de acordo com assunto mais aderentes entre si, apresentando em seu volume I, em seus 42 capítulos, diferentes perspectivas e problematização acerca do currículo, das práticas pedagógicas e a formação de professores em diferentes contextos, corroborando com diversos pesquisadores da área da educação e, sobretudo com políticas públicas que sejam capazes de suscitar discussões pertinentes acerca destas preposições.

Ainda, neste contexto, o segundo volume do e-book reuniu 29 artigos que, constituiu-se pela similaridade da temática pesquisa nos assuntos relacionados à: avaliação, diferentes perspectivas no processo de ensino e aprendizagem e as Tecnologias Educacionais. Pautadas em investigações acadêmicas que, por certo, oportunizará aos leitores um repensar e/ou uma amplitude acerca das problemáticas estudadas.

No terceiro volume, categorizou-se em 25 artigos pautados na: Arte, no relato de experiências e no estágio supervisionado, na perspectiva dialética, com novas problematizações e rupturas paradigmáticas resultante da heterogeneidade do perfil acadêmico e profissional dos autores advindas das temáticas diversas.

Aos autores dos diversos capítulos, cumprimentamos pela dedicação e esforço sem limites. Cada qual no seu contexto e pautados em diferentes prospecções viabilizaram e oportunizaram nesta obra, a possibilidade de ampliar os nossos conhecimentos e os diversos processos pedagógicos (algumas ainda em transição), além de analisar e refletir sobre inúmeras discussões acadêmicas conhecendo diversos relatos de experiências, os quais, pela soma de esforços, devem reverberar no interior das organizações educacionais e no exercício da constante necessidade de pensar o processo de ensino e aprendizagem como unidade dialética.

Cordiais saudações e meus sinceros agradecimentos.

Kelly Cristina Campones

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“HANSEI”: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA JAPONESA E SUAS POSSÍVEIS APLICAÇÕES NAS ESCOLAS BRASILEIRAS	
<i>Ana Luísa da Costa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915071	
CAPÍTULO 2	8
A BUSCA POR RECONHECIMENTO COMO MOTIVAÇÃO PARA DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO	
<i>Mauro Sérgio da Silva</i>	
<i>Flávia Dias Coelho da Silva</i>	
<i>Izabella Gonçalves Bocayuva</i>	
<i>Lucas Evangelista Rangel</i>	
<i>Lucas Miranda</i>	
<i>Marcelo Visintini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915072	
CAPÍTULO 3	20
A DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR NO CONTEXTO NEOLIBERAL: CONTRIBUIÇÕES DA DIDÁTICA DE PERSPECTIVA CONTRA-HEGEMÔNICA	
<i>Lenilda Rêgo Albuquerque de Faria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915073	
CAPÍTULO 4	32
A FORMAÇÃO DOCENTE E A EDUCAÇÃO A PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECÍFICAS NO IF SERTÃO-PE <i>CAMPUS</i> SALGUEIRO	
<i>Gercivania Gomes da Silva</i>	
<i>Carlos Wendel Gomes da Silva</i>	
<i>Sandra Regina da Silva Galvão</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915074	
CAPÍTULO 5	38
A FORMAÇÃO DOCENTE: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL E DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS	
<i>Katia Fraitag</i>	
<i>Miguel Julio Zadoreski Junior</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915075	
CAPÍTULO 6	43
A FORMAÇÃO DOS PEDAGOGOS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA NO MÉTODO DO IAB NO MUNICÍPIO DE BOA VISTA-RR	
<i>Kátia Maria Abreu da Silva</i>	
<i>Janaene Leandro de Sousa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915076	

CAPÍTULO 7	50
A FORMULAÇÃO DE TAREFAS PARA PROMOVER O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO PROFESSOR QUE ENSINA MATEMÁTICA	
<i>Cristina Meyer</i>	
<i>Mariana Maria Rodrigues Aiub</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915077	
CAPÍTULO 8	61
A PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR E A POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DOS SABERES DOCENTES	
<i>Francisca de Lourdes dos Santos Leal</i>	
<i>Vilmar Aires dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915078	
CAPÍTULO 9	73
REFLEXOS DA REFORMA EDUCACIONAL DOS ANOS 1990 NA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTADO DO ACRE	
<i>Hildo Cezar Freire Montysuma</i>	
<i>Rosalu Ribeiro Barra Feital Nogueira</i>	
<i>Emilly Ganum Areal</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8181915079	
CAPÍTULO 10	107
ALGUMAS DISCUSSÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE EM MATEMÁTICA E A HISTÓRIA DA DIDÁTICA NAS LICENCIATURAS EM MATEMÁTICA DA BAHIA (1940-1960)	
<i>Januária Araújo Bertani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150710	
CAPÍTULO 11	118
APONTAMENTOS SOBRE A ATIVIDADE DE MONITORIA DA DISCIPLINA DE QUÍMICA GERAL PARA ALUNOS DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	
<i>Luciana Silva Rocha Contim</i>	
<i>Luis Antônio Serrão Contim</i>	
<i>João Pedro Carmo Filgueiras</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150711	
CAPÍTULO 12	123
APRENDIZADO, MOTIVAÇÃO E DIVERSÃO: JOGOS COMO ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE BIOLOGIA CELULAR	
<i>Laís Corrêa Lima</i>	
<i>Agatha Santos de Jesus</i>	
<i>Angélica Ferreira Carreiro</i>	
<i>Ingrid da Silva Rola</i>	
<i>Karolainy Teixeira da Conceição</i>	
<i>Maik da Silva de Souza</i>	
<i>Rafaela Nunes Santos</i>	
<i>Yasmim de Oliveira Paula</i>	
<i>Yhasmim Hellen Viana Scandian</i>	
<i>Marina Sousa Manoel Damasceno</i>	
<i>Karina Mancini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150712	

CAPÍTULO 13	135
AS DCN E A FORMAÇÃO DOCENTE: UMA ANÁLISE DA LEGISLAÇÃO E OS DESAFIOS NA IMPLEMENTAÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA DA UFPI	
<i>Mirtes Gonçalves Honório</i>	
<i>Teresa Christina Torres Silva Honório</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150713	
CAPÍTULO 14	146
AS IMPLICAÇÕES DAS DCN NA ESTRUTURAÇÃO DOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE LICENCIATURA NA UFPI	
<i>Josania Lima Portela Carvalhêdo</i>	
<i>Maria do Socorro Leal Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150714	
CAPÍTULO 15	158
CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS E PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA BÁSICA	
<i>Fabíola de Fátima Igreja</i>	
<i>Gilma Gimarães Lisboa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150715	
CAPÍTULO 16	171
EDUCAÇÃO E CURRÍCULO: PERSPECTIVAS PARA O TRABALHO COM TEXTOS OPINATIVOS	
<i>Rodrigo Leite da Silva</i>	
<i>Fabiana Meireles de Oliveira</i>	
<i>João Paulo Buranelli Mantoan</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150716	
CAPÍTULO 17	180
EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS E CONCEPÇÕES DE PEDAGOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS: O QUE DIZEM OS ESTUDANTES DO CSHNB/UFPI?	
<i>Luciana Silva Dias</i>	
<i>José Leonardo Rolim de Lima Severo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150717	
CAPÍTULO 18	186
ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA FAVORÁVEL À FORMAÇÃO INTERDISCIPLINAR: UM ESTUDO DE CASO	
<i>Emmanuel Paiva de Andrade</i>	
<i>Jasmin Lemke</i>	
<i>Neide Lucia de Oliveira Almeida</i>	
<i>Maria Augusta de Castro Seixas</i>	
<i>Elisabeth Flavia Roberta Oliveira da Motta</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150718	

CAPÍTULO 19	198
FILOSOFIA UBUNTU COMO PRÁTICA POLÍTICO-PEDAGÓGICA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NEGRA E CONSCIÊNCIA AFRO-DIASPÓRICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Isis Natureza Oliveira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150719	
CAPÍTULO 20	203
FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A PESQUISA-AÇÃO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICO-METODOLÓGICA DE INVESTIGAÇÃO	
<i>José Álbio Moreira de Sales</i>	
<i>Tânia Maria de Sousa França</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150720	
CAPÍTULO 21	215
FORMAÇÃO E A DOCÊNCIA À LUZ DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	
<i>Elda Silva do Nascimento Melo</i>	
<i>Antonia Maira Emelly Cabral da Silva Vieira</i>	
<i>Camila Rodrigues dos Santos</i>	
<i>Erivania Melo de Moraes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150721	
CAPÍTULO 22	234
FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES QUE ENSINAM MATEMÁTICA: ALGUMAS REFLEXÕES	
<i>Cíntia Fogliatto Kronbauer</i>	
<i>Anemari Roesler Luersen Vieira Lopes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150722	
CAPÍTULO 23	245
MERLÍ E OS SABERES DA DOCÊNCIA	
<i>Vera Maria Luz Spínola</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150723	
CAPÍTULO 24	256
MOTIVAÇÃO DE ESCOLARES PORTUGUESES DO TERCEIRO CICLO DO ENSINO BÁSICO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
<i>Fábio Brum</i>	
<i>Ellen Aniszewski</i>	
<i>José Henrique dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150724	
CAPÍTULO 25	267
NÚCLEOS DE PESQUISA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE MUDANÇAS DIDÁTICAS E PRÁTICAS DE ENSINO DOS PROFESSORES*	
<i>Jaqueline Ritter</i>	
<i>Andreia Rosa de Avila de Vasconcelos</i>	
<i>Andréa Borges Umpierre</i>	
<i>Francieli Chibiaque</i>	
<i>Otávio Aloisio Maldaner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150725	

CAPÍTULO 26	285
O APRENDER-ENSINAR DA LEITURA: TRAVESSIAS POR VIR	
<i>Gilcilene Dias da Costa</i>	
<i>Jessé Pinto Campos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150726	
CAPÍTULO 27	297
O ENSINO POR INVESTIGAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE CIÊNCIAS: UMA REVISÃO A PARTIR DOS ANAIS DO ENPEC	
<i>Jéssica Cremonini Caprini</i>	
<i>Mariana Donateli Gatti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150727	
CAPÍTULO 28	302
O INÍCIO DA DIDÁTICA NO CURSO DE MATEMÁTICA NA BAHIA (1940-1960)	
<i>Januária Araújo Bertani</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150728	
CAPÍTULO 29	313
O SABER DOCENTE E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PEDAGOGOS PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA	
<i>Lílian Pereira Guedes</i>	
<i>Jorge Costa do Nascimento</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150729	
CAPÍTULO 30	321
OS ARTÍFICES DA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA: O CONHECIMENTO TEÓRICO/PRÁTICO DESENVOLVIDO NO CURSO DE PEDAGOGIA/PARFOR	
<i>Lui Nörnberg</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150730	
CAPÍTULO 31	332
OS IMPACTOS DAS NOVAS POLÍTICAS CURRICULARES NA DIDÁTICA E PROFISSIONALIDADE DE PROFESSORAS INICIANTES	
<i>Joelson de Sousa Moraes</i>	
<i>Franç-Lane Sousa Carvalho do Nascimento</i>	
<i>Nadja Regina Sousa Magalhães</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150731	
CAPÍTULO 32	344
OS SABERES DA EXPERIÊNCIA COMO PRINCÍPIO DA PRÁTICA DOCENTE	
<i>Lourdes Cavalcante Couto de Melo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150732	
CAPÍTULO 33	350
PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DA FORMAÇÃO INICIAL ÀS SUAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	
<i>Claudia Martins de Souza</i>	
<i>Rosângela Gasparim</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150733	

CAPÍTULO 34	356
PLANEJAMENTO COLETIVO: UMA EXPERIÊNCIA FORMATIVA NA DISCIPLINA DE DIDÁTICA	
<i>Tânia Maria de Sousa França</i>	
<i>Nancy Mireya Sierra Ramirez</i>	
<i>Joilson Silva de Sousa</i>	
<i>Ana Cristina de Souza Lima</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150734	
CAPÍTULO 35	367
POLÍTICAS, ENSINO DAS CIÊNCIAS E INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: CONTEXTOS, DIÁLOGOS E REFLEXÕES	
<i>Simone Souza Silva</i>	
<i>Arminda Rachel Botelho Mourão</i>	
<i>Francisca Keila de Freitas Amoedo</i>	
<i>Mateus de Souza Coelho Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150735	
CAPÍTULO 36	369
PRÁTICA PEDAGÓGICA: CONCEPÇÃO DE PROFESSORES DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA DA COLÔMBIA –CO	
<i>Rosenilda Rocha Bueno</i>	
<i>Adelmo Carvalho da Silva</i>	
<i>Oscar Orlando Hoyos Gaviria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150736	
CAPÍTULO 37	380
PRÁTICA PEDAGÓGICA: EDUCANDO DE FORMA LUDICA POR MEIO DE ALIMENTOS NA COMUNIDADE QUILOMBOLA	
<i>Cristiano de Assis Silva</i>	
<i>Carlos Luis Pereira</i>	
<i>Ângela Maria dos Santos Florentino</i>	
<i>Cristiane de Assis Ribeiro da Silva</i>	
<i>Kristielly Pereira de Assis Ribeiro da Silva</i>	
<i>Dirlan de Oliveira Machado Bravo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150737	
CAPÍTULO 38	389
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS BEM SUCEDIDAS NO ENSINO MÉDIO	
<i>Silvana Soares de Araujo Mesquita</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150738	
CAPÍTULO 39	399
PROFESSORES DE DIDÁTICA E SEUS ESTUDANTES: OS ARTÍFICES DA FORMAÇÃO	
<i>Maria Janine Dalpiaz Reschke</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150739	

CAPÍTULO 40	410
QUANDO A PRÁTICA SE TORNA COMPONENTE CURRICULAR DOS PPPS DE LETRAS	
<i>Núbio Delanne Ferraz Mafra</i>	
<i>Vladimir Moreira</i>	
<i>Marcelo Cristiano Acri</i>	
<i>Beatriz do Prado Ferreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150740	
CAPÍTULO 41	417
SABERES EM INTERAÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: A UNIVERSIDADE EM CONEXÃO COM JOVENS DO ENSINO MÉDIO	
<i>Rosilda Arruda Ferreira</i>	
<i>Luiza Olívia Lacerda Ramos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150741	
CAPÍTULO 42	427
TESSITURAS PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO BILINGUE: CAMINHOS PARA A ACESSIBILIDADE DOS SURDOS	
<i>Eliana da Silva Neiva Brito</i>	
DOI 10.22533/at.ed.81819150742	
SOBRE A ORGANIZADORA	436

CARTOGRAFIAS LITERÁRIAS E PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA BÁSICA

Fabíola de Fátima Igreja

Universidade Federal do Pará-UFPA, Campus
Universitário do Tocantins, Programa de Pós
Graduação em Educação e Cultura-PPGEDUC,
Cametá- Pará
Bolsista CAPES

Gilma Guimarães Lisboa

Mestra em Educação e Cultura pela Universidade
Federal do Pará, campus Universitário do
Tocantins-Cametá-PPGEDUC.
Professora da rede de ensino municipal e
estadual.
Cametá-Pará.

RESUMO: Este artigo propõe discutir a literatura enquanto experiência estética e formativa na educação básica. Perspectiva-se a leitura enquanto pluralidade de sentidos e apresenta algumas experimentações literárias realizadas com estudantes na sala de Leitura Clarice Lispector, em uma escola pública de ensino médio no município de Cametá- Pará. No decurso da pesquisa cartográfica emergiram as seguintes indagações: Que sentidos e experiências despontam da relação texto-leitor? De que modos os encontros com Clarice foram capazes de tocar os estudantes leitores em seus processos subjetivos e sociais? Como propiciar o desabrochar da leitura literária no contexto escolar para além de sua finalidade meramente

pedagógica? Os aportes teóricos pautaram-se nos conceitos de leitura, experiência e sentido, a partir de JORGE LARROSA (2002, 2004, 2015 e 2016), DELEUZE (1997) e DELEUZE E GUATTARI (1995), NUNES (1989; 2009), entrelaçados ao universo literário clariceano. A pesquisa baseou-se nas pistas do Método da Cartografia na perspectiva de DELEUZE e GUATTARI (1995), e de PASSOS, KASTRUP, TEDESCO e ESCÓSSIA (2014 e 2015) e caminhou pelas cartografias de pensamento e sentidos com os estudantes da escola. Foi possível experimentar as ressignificações do espaço sala de leitura por meio das experiências que os levaram a vivenciar sentidos outros com as obras de Lispector por meio de leituras, diálogos, peças teatrais, curtas-metragens, fazendo da pluralidade da literatura um habitar poético da leitura de si e do mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura Literária. Clarice Lispector. Cartografia. Escola Básica.

ABSTRACT: This article proposes to discuss literature as aesthetic and formative experience in basic education. Reading is viewed as a plurality of meanings and presents some literary experiments carried out with students at Clarice Lispector reading room, in a public high school in the municipality of Cametá-Pará. In the course of cartographic research, questions have been emerged as: What senses and experiences

emerge from the text-reader relationship? In what ways have encounters with Clarice been able to touch student readers in their subjective and social processes? How to promote the development of literary reading in the school context beyond its purely pedagogical purpose? The theoretical contributions were based on the concepts of reading, experience and feelings, from JORGE LARROSA (2002, 2004, 2015 and 2016), DELEUZE (1997) and DELEUZE AND GUATTARI (1995), NUNES (1989; 2009), interlaced to the literary universe of Clarice. The research was based on the clues of the Cartography Method from the perspective of DELEUZE and GUATTARI (1995), and PASSOS, KASTRUP, TEDESCO and ESCÓSSIA (2014 and 2015) and came through cartographies thoughts and meanings with the students. It was possible to experiment with the meanings of the reading room space through the experiences that led them to experience other meanings with the works of Lispector through readings, dialogues, plays, short films, making the plurality of literature a dwelling poetic of self-reading and the world.

KEYWORDS: Literary Reading. Clarice Lispector. Cartography. Basic school.

1 | INICIANDO UM PERCURSO

O texto que aqui apresentamos propôs-se a discutir a importância da literatura enquanto experiência formativa por meio das experimentações poéticas na “sala de leitura Clarice Lispector” na escola Abraão Simão Jatene em Cametá-Pará. Buscamos cartografar sentidos e experiências de leitura criando possibilidades de encontros entre os estudantes e personagens de Clarice Lispector (1920-1977), perscrutando os escritos literários da autora em sentido formativo, indo de encontro à visão utilitarista legada à literatura, elevando-a a seu valor poético e transformador. O estudo, interligado aos campos da linguagem e Educação básica, situa-se no projeto de Pesquisa intitulado “Uma educação no *dorso do tigre*: Literatura e Experiências Formativas”, Universidade Federal do Pará, Faculdade de Linguagem, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, coordenado pela Prof^a Dr^a Gilcilene Dias da Costa, ao qual integram pesquisas de mestrado que vêm sendo desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da UFPA/ CUNTINS. No ensejo deste artigo, tratamos de pesquisas que versam sobre as relações entre literatura e educação, tendo por foco as obras de Clarice Lispector e as experiências de leitura vivenciadas com estudantes de ensino médio da rede pública do município de Cametá-Pa.

Dado que a circularidade do texto literário no ambiente escolar quase sempre não se faz para além dos limites de disciplinas como Língua Portuguesa e Literatura, assumimos o desafio de tensionar a presença (não tão notória) de obras literárias de escritores brasileiros (como as de Clarice Lispector) no ambiente escolar. Nesse caminhar foi importante tracejar e potencializar canais de acesso e incentivo à leitura de textos literários clariceanos neste espaço, formulando alguns objetivos, tais como:

reconfigurar a Sala de Leitura Clarice Lispector, de modo a torná-la um ambiente dinâmico e acolhedor às experiências literárias dos estudantes; cartografar e registrar as experiências de leitura literária dos estudantes realizadas no ambiente da Sala de Leitura Clarice Lispector; interligar as ressonâncias da leitura do texto clariceano às experiências formativas dos estudantes por meio de atividades artístico-literárias. Promover práticas de leitura literária na escola básica para além do domínio cognitivo ou curricular das disciplinas e incentivar o hábito de leitura nos estudantes constituíram importantes desafios para a pesquisa-intervenção. Ao ingressar no mundo literário, o leitor passa a pertencer a um universo de experiências, como enfatiza Larrosa (2015), a vivência pessoal, singular, que atravessa a subjetividade do leitor. Sendo assim, a abordagem temática justificou-se pela busca de acompanhar e registrar o desabrochar da literatura e das experiências literárias com jovens frequentadores da Sala de Leitura no contexto da escola básica, considerando a leitura literária do ponto de vista da Diferença e da pluralidade, apontando para o caráter formativo da leitura. Para tanto, optou-se por adotar a construção de um desenho metodológico que reconhecesse a cartografia como um exercício de pesquisa importante e viável para produção de conhecimentos.

Percebemos que a leitura modifica o leitor. Mas como expressar o que o leitor sente ao ler um livro? Qual influência este livro tem sobre a sua vida? Transformou o seu olhar sobre o mundo, a forma de relacionar-se com a realidade, consigo e com as pessoas próximas e queridas? Tornou-o mais observador e sensível diante da miserabilidade da condição humana? Tais respostas poderão ser dadas de acordo como o leitor concebe a literatura e a relação que este tem com a leitura. Sempre há muito a dizer sobre a importância da literatura no âmbito escolar. E quanto ao professor, qual seu papel no incentivo à leitura literária? E a escola? Pois esta ainda é o espaço que possibilita o acesso à leitura literária de crianças e jovens. Em geral, os textos literários que circulam em atividades de leitura escolar quase sempre aparecem desconectados da experiência de fruição da leitura.

Como traçar, então, os caminhos para a leitura, na busca de nela recuperar o espaço do prazer, da fruição que muitos alunos conhecem na infância ou adolescência e que depois são abandonadas no decorrer de sua vida estudantil? pois na escola é um desafio propor um saber que não seja instrumental, visto que este permite um suposto acesso ao mundo do trabalho.

Larrosa (2015) nos permitiu compreender que a leitura que nos marca é tomada como *acontecimento*, numa dinâmica de atribuição de significados e sentidos da leitura dada pelo leitor. Por isso, a escola precisa possibilitar que os alunos assumam, efetivamente, uma postura reflexiva que lhes permita tomar consciência de sua condição e da condição de sua comunidade em relação ao universo das práticas letradas de nossa sociedade, para nela atuar de forma ativa não só no âmbito pessoal, mas também, como um agente da ação coletiva.

2 | CAMINHOS CARTOGRÁFICOS

Para que a pesquisa não se enquadre em uma procura por resultados finais pautados em regras prontas que apontem um único direcionamento, mas em pensar a leitura e experiências compreendida como transformação, fez-se necessário adotar um desenho metodológico cartográfico. O sentido da cartografia faz-se em acompanhar percursos rizomáticos da pesquisa. A visão do cartógrafo no campo da pesquisa é buscar onde pousar sua atenção. “Assim, a diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisador sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (PASSOS; BENEVIDES, 2015, p.17).

A cartografia como modo rizomático de pesquisa se elabora a partir das experimentações de campo para a produção de dados e do interesse pelo estudo da subjetividade, mais especificamente “como modo de acompanhar processos de produção de subjetividade” (KASTRUP; BARROS, 2012, p. 90). Nesse acompanhar a atenção do cartógrafo se tece em movimentos de voos e pousos sempre provisórios e desterritorializados.

A etapa inicial da pesquisa consistiu no levantamento sobre vida e obra de Clarice Lispector, além da leitura detalhada e contextualização por meio de autores que versam sobre a obra clariceana em uma perspectiva filosófico-literária, especialmente Nunes (1989; 2009).

Buscamos também aprofundamentos em textos que nos trouxessem a leitura enquanto experiência, bem como nos ajudassem a problematizar a literatura em uma relação com a vida e modos de existir, contamos então com Larrosa (2004; 2002) e Deleuze (1997). Bem como na perspectiva metodológica da Cartografia baseada em Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* (1995); e de Passos, Kastrup, Tedesco e Escóssia nas obras: *Pistas do Método da Cartografia, Pesquisa-Intervenção e Produção de Subjetividade* (2015) e *Pistas do Método Cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum* (2014).

O próximo passo consistiu em conhecer o espaço escolhido para a pesquisa. A escolha da sala de leitura Clarice Lispector se deu por ser um espaço disponível e pouco visitado e por ter ganhado o nome da autora, escolhido pelos próprios alunos, e por ainda não haver construído um habitat poético que perpassasse a fruição e experiências literárias. Partimos ao planejamento das ações que decorreriam durante as semanas. O processo dos primeiros encontros com os alunos se deram de maneira tímida, e ainda havia o contratempo dos horários entre as aulas e as atividades da sala de leitura, mas, aos poucos, os alunos iam chegando e ficando, até que se criou um espaço povoado para partilhar poesia e arte.

Nas primeiras semanas ocorreu o cine Clarice, onde trazíamos curtas de suas obras além de entrevistas com e sobre Lispector e depois fazíamos as rodas de conversa. Essa foi a maneira pela qual encontramos aproximar os tímidos leitores

ao universo de Lispector. Ao longo das semanas, fomos trazendo trechos, curtas e outras leituras que os alunos iam levando para casa. Os livros iam e voltavam e com eles vinham agora leitores com sentidos a partilhar. O semestre foi concluído com a semana literária da escola, oportunidade em que organizamos, com a significativa participação dos alunos, os dias de atividades em torno das obras da autora, com base nas leituras e criações dos estudantes.

Assim, a partir deste primeiro semestre fomos traçando caminhos no delinear da pesquisa dos próximos percursos cartográficos, nos permitindo sermos atravessados pelas múltiplas vozes que ressoam em nossa trajetória, “pois a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos” (BARROS; KASTRUP, 2012, p. 73).

3 | EXPERIÊNCIA E LEITURA

“Escrever é um caso de Devir” (DELEUZE, 1997, p. 11). E na criação literária divide-se sentimentos e histórias com personagens, histórias estas que farão parte do universo de cada leitor. A partir de então, entre leitor e escritor permeará uma pluralidade infinita de sentidos nessa *experiência* proporcionada pela obra que, unindo-os os separa, pois, as palavras que o leitor recebera do escritor carregam agora sentidos variados e cada vez dispersos que os afasta e os aproxima em particular envolvimento.

Quando se escreve cria-se uma nova língua dentro da linguagem, onde nem mesmo o escritor permanece em sua figura, pois, a literatura enquanto experiência é (trans) formação (de quem escreve e quem a lê). Na experiência de escritura o escritor mergulha e faz-se outros em seus *devires*. Nesse movimento de criação e inquietude a literatura torna-se desconstrutora dos discursos dominantes na sociedade; se o que predomina é a linguagem utilitarista, a literatura inaugura nova língua, uma *língua estrangeira* nos interstícios da linguagem (DELEUZE, 1997), posicionando-se “contra os modos constituídos de ler, de escrever, de pensar, de viver que se nos impõe” (LARROSA, 2004, p. 354). Então qual literatura nos interessa? Talvez a resposta esteja no modo como nos dirigimos a ela, recusando-nos a aceitar uma linguagem pronta que nos distraia em um simples desfolhar em busca de informação. Ora! Podemos vislumbrar uma literatura que se coloque contra a literatura mercadológica:

A literatura, ao menos a que me interessa, não é outra coisa que o movimento infinito de questionar-se a si mesma. A literatura é determinada relação com a língua, ou mais radicalmente, a literatura é uma experiência radical de escritura na qual, em cada momento, está em jogo o que escrever. E como escrever é simplesmente, escrever de outro modo, então a literatura se determina sempre contra a literatura. (LARROSA, 2004, p. 349)

É por meio dessa experiência radical de escritura, linguagem e pensamento, qual nos fala Larrosa (2004), que somos exortados a desbordar concepções tão

secamente instauradas. Seja na linguagem trivial com que o mundo é estabelecido, seja em nossos modos de pensar ou de não refletir acerca do que parece imutável. É nesse sentido que a literatura questiona, contestando perspectivas que nos lançam a linguagem apenas como transmissão de conceitos; nesse infinito questionar somos convidados a rever o que está constituído por dentro dos paradigmas usuais e dos discursos/verdades que se instauram por entre as linguagens, desta forma, a literatura e a leitura realizam-se na renovação das palavras e dos sentidos.

Com base nas considerações de Larrosa (2015), que ressalta a experiência de leitura como travessia (caminho), buscou-se alguns pressupostos para compreender como as experiências de leitura estão diretamente conectadas à subjetividade das experiências do leitor, o que resulta sua singularidade, uma vez que as experiências de leitura podem ocorrer em diferentes contextos, por meio dos mais variados suportes de leitura e assim adquirir experiência a partir da vivência do aprendizado de algo. Assim afere Larrosa (2015, p. 142):

a experiência de leitura é uma relação íntima estabelecida entre o texto e a subjetividade de quem se põe à sua escuta, propiciando-lhe a apropriação, sem estar preso as amarras de interpretações outras que não vivenciadas por ele

Assim, o caminho proposto por Larrosa (2002) é o da experiência de leitura, “como um dos jogos possíveis do ensinar e do aprender”, para que, a partir do momento de leitura/escuta, “com o texto, ou contra o texto ou a partir do texto – nós [os leitores] sejamos capazes de pensar” (LARROSA, 2002, p. 142). Ressaltamos que a leitura não pode ser vista apenas como ato mecânico ou para obtenção de informações e notas avaliativas, mas, como argumenta Larrosa (2002):

Trata-se de pensar a leitura como algo que nos forma (ou nos de-forma e nos trans-forma), como algo que nos constitui ou nos põe em questão naquilo que somos. A leitura, portanto, não é só um passatempo, um mecanismo de evasão do mundo real e do eu real. E não se reduz, tampouco, a um meio de se conseguir conhecimentos (LARROSA, 2002, p. 62)

Se a literatura propõe uma subjetividade das maneiras de ver o mundo, nos leva a transpassar também formas constituídas do ler, pois a leitura enquanto experiência é desconstrução de conceitos e certezas, onde o ler não parte de uma prática ou de uma essência, mas segue *em direção ao desconhecido*, à incompreensão (LARROSA, 2002).

Assim, a leitura nos conduz a uma entrega, para que no encontro entre o texto e o leitor este vislumbre sensações singulares que o levem a enxergar o mundo diferente a partir de outras perspectivas, e, ao fechar o livro, encontre outros de si mesmo, além daquele que abriu a primeira página, porque: “A experiência da leitura converte o olhar ordinário sobre o mundo, num olhar poético, poetiza o mundo, faz com que o mundo seja vivido poeticamente...” (LARROSA, 2004, p. 106).

Ao adentrarmos às páginas de um livro buscando uma *essência*, desencontramo-

nos de sua *fruição* e daquilo que ele nos dá a ler além da compreensão; ao permanecermos na mera decodificação negligenciamos o que talvez de mais bonito a literatura pode nos dar, seja a incompreensão de nós mesmos quando tudo que fazemos é já sempre entendermos, pois o que importa afinal? Sabermos o que o texto (autor) quis dizer, ou o que podemos dizer e sentir a partir do que lemos? Limitar a literatura a meros utilitarismos é mutilar a sociedade, pois, diremos com Deleuze (1997), a literatura é uma saúde que salva dos discursos aprisionadores do mundo.

4 I NA SALA CLARICE LISPECTOR: EXPERIMENTAÇÕES LITERÁRIAS

Traremos, nesta primeira seção, dois momentos da experimentação com os alunos da escola Simão Jatene referentes à semana de atividade que resultou dos meses de intervenção do segundo semestre letivo do ano de 2016, nos meses de outubro, novembro e dezembro. As experimentações se tecem em torno das leituras da personagem Joana, de *Perto do Coração Selvagem*, (1998) com as palavras e seus sentidos, e a peça de teatro organizada a partir do conto *Felicidade Clandestina*.

Em uma das tardes de intervenção, na experimentação com o primeiro romance de Lispector trocamos questionamentos em pedaços de papel, algumas eram questões que se pode gestar por uma vida, das que desencadeiam um diálogo daqueles... Escolhemos o trecho que havíamos lido no dia anterior, da obra *Perto do coração selvagem*, em que Joana, personagem que na trama é uma mulher à procura da liberdade em sua pura existência, ora retoma às suas sensações de infância, quando em sala de aula, questiona a palavra felicidade:

(...) -O que é que se consegue quando se fica feliz? Sua voz era uma seta clara e fina. A professora olhou para Joana. – Repita a pergunta...? (...) – Queria saber: depois que se é feliz o que acontece? O que vem depois - repetiu a menina com obstinação. (...) – Que ideia! Acho que não sei o que você quer dizer, que ideia! Faça a mesma pergunta com outras palavras... A professora enrubescou – nunca se sabia dizer por que ela avermelhava. Notou toda a turma, mandou-a dispersar para o recreio. (LISPECTOR, 1998, p. 29)

Trouxemos à discussão algumas questões para que gerassem um diálogo inicial a respeito das indagações que Joana, uma criança, colocara para sua professora. Na pergunta sobre a felicidade havia muitas respostas, algumas eram novas questões colocadas pelos alunos e alunas que talvez, pela primeira, vez estivessem problematizando os sentidos desta palavra fora do senso comum ou do conceito estabelecido. Para uns a felicidade era um estado. Para outros aquilo que os faziam sorrir ou sentir-se bem. Houve uma aluna que sentiu a felicidade como uma liberdade. E aos poucos iam tensionando e experimentando as questões da obra a partir de suas vivências e do encontro com o texto.

No decorrer da roda de conversa a cada pergunta escolhida para dialogar novos sentidos surgiam, a partir do trecho da obra de Clarice sentidos saltaram entre

os espaços da sala, onde as relações de sentidos se teciam para além da mera decodificação, a obra de Lispector ganhara então, nova significação a cada resposta construída pelos adolescentes.

Tivemos muitos encontros, neles as obras de Clarice iam sendo descobertas, compartilhadas, e na semana escolhida para partilhar os aprendizados, os meninos e meninas mostraram que têm muito a compartilhar. Durante as intervenções a intensão se deu também em proporcionar a experimentação com a leitura em suas múltiplas formas, foi a partir desta perspectiva que, junto com as turmas da sala de leitura, transformamos alguns livros de Lispector em peça. Agora o corpo todo falava, era outra forma de contar/ vivenciar as histórias de Clarice, as cortinas abriam-se deixando à mostra um pensamento –palavra que se transformou em sentidos e produziram interação por onde nasceram as apresentações teatrais na sala de leitura. Rimos e nos emocionamos com suas interpretações.

A peça foi uma adaptação do conto “felicidade Clandestina”, o roteiro, os ensaios, o cenário, tudo foi uma construção coletiva que ia formando leitores a cada encontro e deu aos alunos uma dimensão lúdica e mais profunda do ler. Lúdica pela possibilidade de brincar com as maneiras de contar aquela história, de vivenciar os personagens e das possibilidades de criação a partir daquele texto, profunda porque puderam ir além do primeiro olhar, colocaram-se como a menina que queria ler, zangaram-se com a menina que não queria emprestar seu livro às crianças. Puderam vivenciar a felicidade Clandestina da menina com o livro. O amante e a mulher.

Essas sensações não passam pela apropriação da palavra, mas pelos sentidos que vem e vão a cada leitura, e a cada forma de ler. Lemos então pela palavra e pelos olhares-movimentos-imagens, pelos personagens que ganharam vida novamente pelas mãos dos alunos e alunas do ensino médio. Ao final da peça a aluna que interpretou a menina que vivera a Felicidade clandestina com o livro, nos deu um depoimento indizível pela sua emoção em carregar consigo os novos e passageiros sentidos de se ler e de se viver.

Sentados nas cadeiras que compunham a sala, todos eram ouvidos para as bocas que conduziam e contavam as histórias clariceanas. Contar histórias é uma maneira bonita de criar um portal entre nossa realidade e a imaginação impressa nos livros. Amalgamar os mundos, enquanto dávamos vida às palavras, os meninos e meninas olhavam, absortos, e interagem com a voz que tentava personificar as personagens. Um semestre experimentando o verbo Claricear: clariceando, aprendendo, ensinando nas travessias da leitura.

A cada dia da *Hora de Clarice* na escola os laços se estreitam, as conversas acontecem com espontaneidade e a sala ganha mais alma, porque vai sendo preenchida por um habitar poético, babélico da leitura. Iam levando os livros para casa, assistindo aos vídeos, entre os risos e os olhares surpreendidos a cada novidade, e o que seria a vida sem os preciosos espantos? Os doces espantos transformaram-se em arte, arte das boas, tecida a muitas mãos. Alunos e nós.

5.1 DE CONTO EM CONTO: ENCONTROS COM CLARICE NA SALA DE LEITURA

Clarice Lispector escreveu romances, crônicas contos e publicou cartas. A escrita era sua experiência de vida pela qual tocava nas diversas questões que permeavam a sociedade para fazer reverberar modos de vidas em suas liberdades e em suas interdições. Em vários de seus contos, discutia questões que carregam um questionar dentro de olhar político e sensível sobre as relações cotidianas.

Para trazer estas questões para a roda, planejou-se algumas ações na Sala de Leitura. Assim sendo, seria necessário traçar um plano, “preparar o terreno” para trazer aos alunos os contos de Lispector que carregam consigo críticas sociais por meio de uma apresentação sensível como o próprio gesto poético da escritora. E o espaço da Sala de Leitura aos poucos foi se reconfigurando e se abrindo para a força questionadora do texto literário na obra clariceana, que lhes permitiu pensar a condição humana e suas vivências em seus meios sociais.

Nas seções abaixo traremos os processos cartográficos de composição das experiências de leituras literárias com os contos *Feliz aniversário* e *Praça Mauá*, nas atividades-intervenções do ano de 2017 na “sala de leitura Clarice Lispector”.

5.1 O Conto Feliz Aniversário

Ao lerem o conto Feliz aniversário, os alunos rememoraram vivências e percepções. A obra os deixou mais sensíveis aos acontecimentos que ocorrem em seu entorno, em suas vivências, como relata a aluna Ana: “Depois da leitura do conto, professora... passei a visitar mais a minha avó...é muito triste um idoso não ter com quem conversar”. O conto retrata a superficialidade fraternal, as rixas familiares e a maldade subtendida na forma da velhice e da vida. Após assistirem o curta-metragem e terem lido a obra foi solicitado a eles a possibilidade de compor uma performance dando visibilidade a tais questões, proposta aceita com muito carinho, pois enxergaram na história muito de seus familiares, vizinhos, amigos. No relato dos alunos, após apresentarem a performance do conto, esta experiência de leitura que os afeta e os faz repensar a vida e seus relacionamentos familiares:

Ana: Quando representei a peça...lembrei da minha vizinha... sabe professora ela ficou cega. Fez a cirurgia, mas não adiantou. [respira fundo] ela fica sentada na frente da casa... os filhos esquecem ela lá. Ninguém liga pra ela... tenho pena...eles só querem o dinheiro dela.

Carla: Sabe... quem cuida da minha avó é a minha irmã. Nenhum dos filhos quis cuidar dela. Ela vive cheirosa...limpinha. Minha mãe é mais doente do que ela. Mas tenho um tio que quando ela recebe ainda tira dinheiro dela... não ajuda e ainda pega o dinheiro [ar de indignação] ...acho errado. Minha irmã fica aborrecida. Os outros só vão lá de vez em quando.

Paula: No lado de casa mora um senhor... tá pra morrer. Não anda...teve aquela doença ...como é o nome? Hum... derrame. Ele fica todo sujo. Eles brigam porque

ninguém quer ficar com ele..., mas da aposentadoria eles querem...agora ele grita de dor...escutamos em casa os gritos...eu choro...queria poder fazer alguma coisa. Quando participei aqui na Sala de Leitura da dramatização era como se eu visse o meu vizinho...muito triste. Parece que não vão ficar velhos...

A indignação dos alunos diante do comportamento dos personagens do conto *Feliz aniversário* demonstrou que o texto literário realçou uma experiência de como cuidar do outro. São jovens sensíveis, que conseguiram vivenciar uma experiência de leitura. Na reflexão dos leitores das obras clariceanas, estes destacaram um movimento vivo de dor, de alegria, de vivências pessoais que os remetiam a uma busca de entendimento de si, dos limites, das possibilidades de ser/viver a existência tão marcada e associada às questões de finitude, morte, dependência, menosprezo, ridicularização de atitudes e comportamentos. Pois, ao ouvirem e lerem as obras de Clarice, os leitores encontraram-se em movimento de sair de si e ir ao encontro do outro. A se colocar no lugar do outro não por piedade, mas por sentir a sua dor, os jovens compartilham sentimentos e angústias que na maioria das vezes os deixam insensíveis diante dos dramas do mundo, como se observa na fala da aluna Joana a respeito do conto *Feliz aniversário*:

Esse conto pode retratar ainda mais o desamor que existe entre as famílias...desde antigamente e hoje esse desamor é cada vez mais frequente...é doloroso... sabe a gente vê casos...meu Deus dói...machuca o coração só de pensar que tem tanto idoso sofrendo por aí...igual como Clarice escreveu. Tenho meu avô... eu gosto muito dele [emocionada]... tá doído...é como o pai que não tive e eu cuidei dele... eu tenho muito amor por ele.

Todos esses depoimentos indicam que através dos textos literários é possível uma reflexão do leitor diante das situações que ocorrem no mundo. Larrosa (2015) destaca que a experiência de leitura ajuda na transformação do indivíduo, que não acontecerá somente por meio da palavra escrita, mas também do posicionamento do leitor perante a vida.

Ao ler uma obra literária o leitor pode inferir impressões e sentidos advindos de sua experiência de vida, pois imagens são projetadas na mente dele e sobressaltadas em suas retinas, sons que evocam memórias vividas. Ele vai se reconfigurando a cada nova leitura.

5.2 O Conto *Praça Mauá*

A literatura transforma o sujeito, pois ao longo da leitura de um livro, entrelaçam-se perguntas e respostas, dúvidas e propostas, inquietações, êxtase, ódio, amor, esses sentimentos foram visíveis nas falas dos alunos após a leitura do conto *Praça Mauá* de Clarice Lispector que aconteceu na Sala de Leitura. O conto versa sobre a vida de uma mulher casada que à noite se prostitui em um cabaré localizado nas proximidades da Praça Mauá. Durante a conversa com o grupo, algumas alunas

comentaram:

Mariana: “Conheço muitas meninas que são de família e que se vendem....hum...às vezes as mães sabem.... elas querem luxar... por isso fazem isso..., mas tem muito preconceito...a sociedade não perdoa esse tipo de gente...”

Paula: “Que gente.... isso é preconceito...cada um vive como quer...né”

Joana: “Como nessa história aí...professora... ela não tinha precisão de se prostituir..., mas ela queria...muito triste... o marido dela era cego... fingia que não via...”

Na escola são poucas as oportunidades que os jovens têm para dialogar sobre sexualidade, preconceitos, *bullying* ou outros temas que eles vivenciam. Com as leituras dos contos realizadas na Sala de Leitura os jovens tiveram a possibilidade de externar suas opiniões e posições diante de temas como esses, os quais sofrem certo apagamento nos contextos escolares. Especificamente tratando do conto Praça Mauá que tematiza a rivalidade entre uma mulher e um homossexual e a questão da prostituição, os jovens sentiram-se à vontade para comentar a respeito dos perfis “enganadores” dos personagens.

Observa-se nos diálogos acima, entre os alunos, a questão do feminismo, da liberdade de escolhas e do papel da mulher na sociedade, uma vez que Luísa não desempenhava tarefas do lar, mas realizava-se sendo prostituta, enquanto Celsinho desempenhava tarefas domésticas com êxito. Mesmo com essas inversões de papéis socialmente instituídos fica evidente no conto o quanto a mulher tem que batalhar para ser aceita na sociedade. O preconceito não ocorre só por parte dos homens, como fica claro nos comentários das alunas. Ainda hoje, há compreensão de que ser mulher é desempenhar o papel de mãe e dona de casa.

Clarice não confronta mulheres *versus* homens, ela os instiga a pensar sua condição na sociedade para, assim, alcançarem um viver partilhado onde ambos possam exercer suas liberdades e escolhas. Desse modo, o texto clariceano provoca múltiplas sensações no leitor, levando-o a problematizar relações, perpassa a exposição e o silêncio, desestabiliza-o e o instiga a pensar/viver para além do universo habitual instaurado.

6 | LITERATURA E ESCOLA: RESSONÂNCIAS

Durante os meses de ações na sala de leitura foi possível perceber como cada aluno reage à novidade da leitura de uma obra apresentada. Importante dizer que, o universo dos adolescentes é povoado por inúmeras sensações e vivências que saltam quando se propicia aos jovens falar e dialogar para além do funcionalismo, pois são carregados de experiências. Ao longo do projeto, a cada dia em que ficavam mais à vontade na sala de leitura, também traziam sugestões de leitura, então

fundamentávamos uma troca baseada na possibilidade de levar a leitura para além da decodificação, apresentar possibilidades de ler para além do tecnicismo; ler para pensar, problematizar, dialogar consigo mesmo e com o mundo.

No período do cine percebemos como a sensibilidade dos alunos, muitas vezes ignorada, sobressaltava durante as rodas de conversa. A exibição da última entrevista de Clarice, concedida à TV Cultura em 1977, gerou muitas leituras em relação ao semblante da autora frente a frase em que dizia *não estar triste, mas apenas cansada*. A imagem de Clarice foi se tecendo e daí passaram a questionar o seu mistério, o olhar, as suas contradições. A leitura da imagem passou a caminhar com a leitura das palavras, viam Clarice em seus escritos, se viam a partir das histórias. Muitas vezes traziam fatos de suas vidas, suas histórias que passavam a se emaranhar nas narrativas que liam, então era hora de Clarice desaparecer para deixar emergir a experiência singular da leitura; suas palavras eram agora dos alunos que seguiam a produzir novos sentidos a pensar o (seu) mundo a partir dos encontros com outros universos.

As obras adaptadas para peça teatral lhes possibilitaram posicionar e refletir sobre o comportamento humano. Esse contato com as obras literárias foi imprescindível para o desabrochar da experiência literária na relação texto-leitor. A leitura múltipla, experimentada de muitas formas revelou que a interação dos jovens leitores com as personagens clariceanas propiciou sua aproximação com a linguagem literária.

As atividades desenvolvidas mobilizaram os alunos a participarem mais efetivamente da Sala de Leitura. Os empréstimos das obras literárias tornaram-se frequentes. O conhecimento a respeito de Clarice passa a fazer parte do aprendizado dos alunos de uma maneira mais fluida. As experiências literárias, por meio das obras de Clarice, de certa forma incomodam, sensibilizam, questionam o leitor, pois a autora arrebatava, fisga por meio de sensações e sentimentos intensos e desconhecidos.

Assim, a Sala de Leitura foi desabrochando poeticamente numa relação de proximidade e trocas intersubjetivas entre os jovens leitores e as obras de Clarice. A cada movimento percebia a leitura de Clarice se conectando às vivências dos leitores, despertando sensações de inquietudes, questionamentos, indignação, entusiasmos, sentimentos até então não experimentados no encontro com a leitura. Sendo assim, as atividades poéticas e artísticas planejadas e realizadas na Sala de Leitura Clarice Lispector, na tentativa de instigar o leitor ao desafio das leituras clariceanas, possibilitou realçar o valor poético e formativo da literatura para a vida escolar e subjetiva desses leitores.

Descobrir, sentir que a experiência da leitura está para além das salas de aula, embora se faça necessário também nos espaços de formação, a cada percurso da escola para casa com o livro na mochila, expandia-se o espaço do ler. Sempre que retornavam à escola, comentando e querendo mais um livro emprestado, os alunos iam dando sentidos àquele espaço, a sensação é a de sorrisos alados contagiando aos pouquinhos cada pessoa que transita entre os corredores, as salas de aula e

a sala de leitura, que agora é mais povoada pelos alunos de ensino médio. Uns conheciam Clarice por nome, outros lembravam dela de algum lugar que escapou da memória, alguns já tinham sido apresentados.

Bem, agora, todos já conhecem, e alguns, certamente, vão ter muito a conversar com seus livros, mas ainda que trilhem por outras veredas literárias, não esquecerão das tardes e manhãs embaladas pela sua literatura e nem dos personagens com os quais se vestiram para nos apresentar as peças. Não esquecerão, porque esses momentos já os compuseram de alguma forma e fizeram-se pedacinhos dos abismos doces e inquietantes em que hão de mergulhar pelos livros afora.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BARROS, Laura; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- BARROS, Regina; PASSOS, Eduardo. A Cartografia como método da pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; TEDESCO, Silvia (org.). **Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum – Vol. 2**. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia v.1**. Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras, 1995.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Tradução Alfredo Veiga-Neto. - 5. ed.; 2, reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- _____. **Linguagem e educação depois de babel**. Tradução Cynthia Farina. - Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 360 p.
- _____. **Nietzsche & a Educação**. Tradução Alfredo Veiga-Neto. BH: Autêntica, 2002.
- _____. **Tremores: escritos sobre experiência**. Tradução Cristina Antunes, João Vanderley Geraldi. - 1. ed.; reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- LERNER, Júlio. **A última entrevista de Clarice Lispector**. *Shalom*, jun.- ago. 1992, 62-69.
- LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos**. Organização Benjamim Moser. RJ: Rocco, 2016.
- LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. 3ª ed. – São Paulo: Ed. 34, 2009.
- _____. **O drama da linguagem: Uma leitura de Clarice Lispector**. SP: Ática S.A. 1989.

SOBRE A ORGANIZADORA

Kelly Cristina Campones - Mestre em Educação (2012) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa , na linha de pesquisa História e Políticas Educacionais. É professora especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Internacional de Curitiba (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004) diplomada para Administração, Direção e Supervisão Escolar . Membro do GEPTADO- Grupo de Pesquisa sobre o trabalho docente na UEPG. Tem experiência como docente e coordenadora na: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, graduação e pós-graduação. Atualmente é professora adjunta na Faculdade Sagrada Família com disciplinas no curso de Licenciatura em Pedagogia. Tem ampla experiência na área educacional atuando nas seguintes vertentes: educação infantil, processo de ensino aprendizagem; gestão; desenvolvimento e acompanhamento de projetos ; tecnologias educacionais; entre outros.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-481-8

